



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA

Carolina Silva Montenegro

O DESENVOLVIMENTO E A AUTONOMIA NA INFÂNCIA NA PERSPECTIVA
DA PEDAGOGIA MONTESSORI

Brasília

2022

Carolina Silva Montenegro

**O DESENVOLVIMENTO E A AUTONOMIA NA INFÂNCIA NA
PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA MONTESSORI**

Trabalho final apresentado ao curso de Pedagogia, da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do Diploma de Pedagogia.

Orientadora: Dr^a. Sandra Ferraz de Castillo
Dourado Freire.

Brasília

2022

MM777d Montenegro , Carolina Silva
O Desenvolvimento e a Autonomia na Infância na
Perspectiva da Pedagogia Montessori / Carolina Silva
Montenegro ; orientador Sandra Ferraz Freire. -- Brasília,
2022.
41 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2022.

1. Desenvolvimento Humano. 2. Educação Infantil . 3.
Criança . 4. Autonomia. 5. Pedagogia Montessori. I. Freire,
Sandra Ferraz , orient. II. Título.

**O DESENVOLVIMENTO E A AUTONOMIA NA INFÂNCIA NA
PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA MONTESSORI**

Trabalho de conclusão de curso, de autoria de Carolina Silva Montenegro, matrícula 180014714, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Aprovado no dia 14 de março de 2022 pela Banca:

Prof.^a. Dr.^a. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire, Orientadora
Departamento de Teorias e Fundamentos
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha, Examinador
Departamento de Teoria e Fundamentos
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Antônio Villar Marques de Sá, Examinador
Departamento de Métodos e Técnicas
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a. Dr.^a. Sônia Margarida Ribeiro Guedes, Suplente
Departamento de Métodos e Técnicas
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho às crianças que, por meio de estudos como esse, terão maiores oportunidades de uma aprendizagem com amor, atenção, e que desenvolva o que há de melhor nelas, sua naturalidade e liberdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado a incrível oportunidade de cursar e me aventurar no curso de Pedagogia, do qual adquiri muitos conhecimentos para atuar com as crianças pequenas, além de ganhar uma nova lente, na qual enxergo o mundo de maneira mais sensível, me tornando uma pedagoga mais empática e humana.

Agradeço à minha família, que foram meu apoio primordial para que tudo isso fosse realizado com êxito, além de um agradecimento especial a minha mãe, Maria, e a minha avó, Rosa, que me apoiaram e me incentivaram desde o princípio, antes mesmo de entrar no curso de Pedagogia, a cursá-lo e a seguir o meu sonho.

Agradeço ao meu parceiro de vida, José, por ter me acompanhado em todos os momentos felizes e difíceis que a vida acadêmica proporciona, e por, em todos esses momentos, conseguir me fazer sorrir e tornar tudo isso mais leve e incrível. Ele esteve presente, durante esses dias, quatro anos, e nem sequer, por um dia, deixou de falar como eu era capaz de realizar tudo que eu quisesse.

Agradeço aos meus professores da Faculdade de Educação e da minha vida escolar, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, por me proporcionarem a oportunidade do aprendizado, do descobrimento, do experimento da vida e de todo o conhecimento que possuo. Serei eternamente grata e quero, um dia, ser uma professora que possa proporcionar este sentimento de abertura de horizontes para os meus alunos, como todos os meus professores, que em seus detalhes e singularidades, puderam proporcionar.

Agradeço as minhas amigas, que conheci na Faculdade de Educação e que entrelacei minha vida, e pude compartilhar todos os meus momentos acadêmicos e pessoais. Amizades essas que, com certeza, na alegria e na tristeza, estarão comigo para os desafios futuros. Agradeço também, em especial, a minha amiga Mara, que foi a primeira a me dar a notícia da minha aprovação no curso, e é, geralmente, a primeira que está em todos os momentos mais importantes, que me acompanhou em toda a minha trajetória, me apoiando e me dando forças. Agradeço, por fim, a oportunidade de concluir mais um ciclo da minha vida.

RESUMO

Maria Montessori afirma que a verdadeira educação é aquela que vai ao encontro da criança para realizar a sua libertação. Entender a autonomia e como ela pode ser desenvolvida no contexto escolar é um dos frutos dos trabalhos e pesquisas desta educadora. A autonomia deve ser considerada como aprendizagem fundamental para o desenvolvimento infantil. É através dela que as ações da criança se tornam responsáveis, reflexivas e maduras. Buscando refletir sobre este arcabouço de ideias, foi realizada uma pesquisa de literatura específica sobre a pedagogia Montessori, e em artigos sobre sua metodologia, investigando as concepções e práticas da autonomia da criança na educação infantil. A partir da metodologia com base em uma revisão de literatura, o trabalho teórico aqui presente, busca compreender a importância do desenvolvimento da criança a partir de uma pedagogia de liberdade com limites, desenvolvendo análises sobre os seus pressupostos teóricos e metodológicos, considerando os ambientes onde a criança está inserida. Em conjunto a isso, é caracterizado como se dá a comunicação pedagógica com crianças de três a seis anos, enfatizando a função do “erro” na construção da autonomia, além de identificar na rotina escolar, quais as atividades que permitem que a criança realize tarefas por si mesma. Desta forma, o objeto desta monografia foi demonstrar que o desenvolvimento da autonomia também deve ser considerado como parte fundamental da aprendizagem das crianças e também de seu desenvolvimento. Pois, é a partir dela que o ser humano, em sua liberdade e totalidade, participa de seu meio de maneira mais efetiva, consciente de si, de suas escolhas, de suas ações, e de novas possibilidades, que o pensar com autonomia possibilitam.

Palavras-chave: Pedagogia Montessori, Autonomia, Criança, Educação Infantil, Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

Maria Montessori asserts the truthful education is the one that comes to the child to realize their freedom. To understand autonomy and how it can be developed in the school context is a single part of the work and research of this educator. Autonomy must be considered as fundamental learning to childhood development. It is through it that children become responsible, speculative and mature. Pursuing to think about this framework of ideas, a research was carried out on Montessori's specific literature and articles about her methodology, investigating the practical conceptions of childhood autonomy on child education. Starting from the methodology based in a literature revision, this teoric work pursuit to understand the importance of childhood development from a limited freedom pedagogy, developing analysis about the theoreticals and methodologicals assumptions from Montessori's pedagogy, considering the environments in which the child is inserted. Furthermore, the idea of limited communication with three to six years old children is characterized, emphasizing the "mistake" employment in the autonomy construction besides identificate in the scholar routine which activities allows the children to realize tasks for their own. In this way, the object of this monograph was to show that the autonomy's development also must be considered as a fundamental part of children's learning process and their development, because is starting of it that human being, in his freedom and totality, make part of his environment more effectively, conscient about himself, his choices, his actions and new possibilities, what think with autonomy make possible.

Keywords: Montessori's Pedagogy, Autonomy, Child, Child Education, Human Development.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Nuvem de Palavras relacionadas à Autonomia 33

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
APRESENTAÇÃO	11
PARTE I	13
MEMORIAL EDUCATIVO	14
PARTE II	17
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – A pedagogia montessoriana em perspectiva	21
1.1 Pressupostos teóricos e metodológicos da Pedagogia Montessori	22
1.2 Organização ambiental e contexto sociorrelacional da sala de aula	24
1.3 Autonomia	29
1.4 Caracterização de como se dá a comunicação pedagógica com crianças de 3 a 6 anos enfatizando a função do “erro” na construção da autonomia	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
PARTE III	38
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	39
REFERÊNCIAS	40

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi construído para fundamentação teórica e análise reflexiva, a partir de uma revisão literária sobre como a Pedagogia Montessori pode auxiliar na formação da autonomia da criança na Educação Infantil, a fim de ressaltar a essencialidade deste ensino para o desenvolvimento natural das habilidades físicas, sociais e psicológicas da criança. É parte integrante do processo de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso, de caráter obrigatório, para finalização do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, na Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

O trabalho está elencado em três partes. Para a primeira parte, foi realizado um memorial educativo, em que enfatizo minha trajetória escolar e acadêmica, além da minha relação com a descoberta da metodologia Montessori, e aprofundamento para mais conhecimentos em relação a esta área de estudos. O interesse pela pedagogia de Maria Montessori me fez prosseguir para a construção desta investigação.

Na segunda parte, introduzo a perspectiva Montessori a partir da relação da criança, e o seu papel, na sociedade em que vivemos, e desenvolvo os principais aspectos que serão trabalhados ao longo da pesquisa, em relação ao objetivo principal, sobre como a Pedagogia Montessori pode auxiliar na formação da autonomia da criança na Educação Infantil, e em conjunto a isso, apresento os objetivos específicos do texto, no qual irei procurar analisar os pressupostos teóricos e metodológicos desta pedagogia, considerando como os ambientes, objetos, experiências e relações auxiliam na construção da independência dos pequenos. Identifico, na rotina escolar, quais as atividades permitem que a criança realize as tarefas, por si mesma, e, por fim, caracterizo como se dá a comunicação pedagógica com crianças de três a seis anos, enfatizando a função do “erro” na construção da autonomia (expresso sobre a importância de evitar falar a palavra “não”). Além disso, a parte dois do trabalho é composta por um capítulo denominado: “A pedagogia montessoriana em perspectiva”, dividido em quatro tópicos, denominados: “Pressupostos teóricos e metodológicos da pedagogia montessoriana”; “Organização ambiental e contexto sociorrelacional da sala de aula”; “Autonomia”; “Caracterização de como se dá a comunicação pedagógica com crianças de três a seis anos, enfatizando a função do “erro” na construção da autonomia”.

E, para finalizar, na terceira parte do trabalho, aponto minhas perspectivas futuras, que, por meio desta dissertação, me fizeram vislumbrar na docência um caminho

de ensino que me permita ser uma professora mais humana e sensível, colocando o educando sempre em primeiro plano quando pensamos no ensino. Além disso, aponto referências bibliográficas, que me embasaram e desenvolveram todo o meu texto.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

A construção de um memorial me traz nostalgias de tempos que foram essenciais para a minha formação pessoal e acadêmica. Hoje, prestes a me formar em Pedagogia, pela Universidade de Brasília, percebo como toda a minha trajetória escolar e acadêmica fizeram de mim a pessoa que sou. Atualmente, tenho 22 anos, e comecei a estudar quando tinha 5 anos. Portanto, há 17 anos construo um caminho cheio de aprendizagens e conhecimentos novos, me descobrindo cada vez mais.

Sempre fui uma pessoa muito tímida. E logo quando ingressei na escola tive muita dificuldade de fazer amigos e socializar. Mas em compensação, sempre fui muito observadora, e isso me ajudou em relação à aprendizagem no geral. A minha primeira escola, chamada Instituto São José, ficava em Sobradinho – DF, e era uma instituição formada por freiras da Rede de Piedade de Educação. A escola, católica, era muito rígida, desde a educação infantil, porém, sempre gostei muito de estudar lá e sei que todo meu aprendizado foi essencial para que eu pudesse passar no vestibular. Nunca tive alguma preferência em relação às matérias escolares, porém, a área de humanas me fascinava. A partir do sétimo ano do Ensino Fundamental II, criei um *hobbie* de ler muitos livros, eram livros além do que a escola passava para nosso estudo, eu lia por lazer. Comecei a tomar tanto gosto pela leitura, que a minha professora de redação levava livros dela para que eu pudesse ler, sem nenhuma relação com a escola em si, mas pelo meu lazer e gosto de leitura. Esse momento despertou em mim um grande interesse pela escrita. Então eu lia e escrevia muito. Escrevia textos diversos, mas principalmente cartas com os mais variados temas. Eu tenho muitos diários, cadernos e folhas avulsas com textos escritos por mim. Além de escrever os textos e ler os livros, eu gostava muito de compartilhá-los com pessoas próximas, sempre mostrando o que eu havia aprendido.

Assim, chegando ao Ensino Médio, quando me deparei com as provas de vestibular que teria que fazer, o PAS e o Enem, fiquei muito confusa em relação a qual curso gostaria de fazer. Porém, no segundo ano, pensando sobre isso, percebi que eu gostava muito de ler, escrever e, principalmente, compartilhar esses conhecimentos com os outros. Além disso, um fato sobre mim, é que eu sempre gostei muito de crianças e sinto que sempre me relacionei bem com todas elas. Juntando esses meus gostos em comum, pensei no curso de Pedagogia. Ele fazia todo sentimento para mim. E dessa forma aconteceu. Com muito esforço e dedicação, estudando sozinha e apenas com a escola, sem cursinhos à parte, consegui passar de primeira no vestibular do PAS.

Ingressei na Universidade em 2018, e mesmo com as dificuldades que qualquer curso de nível superior possui, eu sempre fui sorrindo para a UnB. Todas as disciplinas, todos os eventos, palestras, amizades novas, eram extremamente fascinantes para mim. Foi lá que eu perdi toda a minha timidez. Eu me sentia em casa, e mesmo muito cansada eu sempre estava ansiosa para aprender cada vez mais. Lembra que eu amava ler? Eu li muito durante esses anos da minha vida acadêmica, tantos livros, artigos, documentos que não tenho ideia da quantidade de coisas e autores que conheci, mas sei da qualidade que isso me trouxe como futura pedagoga. Uma das coisas que eu mais procurei no curso de Pedagogia, com foco em ser professora de Educação Infantil, foi buscar por uma pedagogia e ensino que visasse a liberdade de expressão da criança, seus sentimentos, gostos e vontades, para que ela pudesse aprender no seu tempo, respeitando seus limites, e, além disso, dando, principalmente, autonomia a ela. Encontrei esses aspectos e muitos outros, que me envolveram, na educação de Maria Montessori, que usei como base para desenvolver o meu TCC. Acredito que, sinto essa atração por essa metodologia de ensino, por conta da minha trajetória em uma escola mais rígida. Não era uma escola ruim, longe disso, mas utilizava uma metodologia mais tradicional.

Desta forma, durante meu curso, procurei por disciplinas optativas que me ajudassem a entender mais sobre essa metodologia de ensino da qual pretendo me apropriar para que, mesmo trabalhando futuramente em instituições com ensino tradicional, eu possa aplicá-la de algumas formas, pois esse ensino vai além de uma forma de aprendizagem, ele é um estilo de vida. Além de disciplinas optativas que busquei por essa área, me apaixonei por algumas outras áreas também, como a Psicologia da Educação. Recentemente, cursei a disciplina de Psicologia Social, e pude perceber como essa área de estudo é essencial para que pedagogos tenham uma visão mais ampliada do ser humano como ser no mundo e como ser social. Os frutos das relações dos indivíduos brotam logo na infância, no contato do bebê com os pais e com a família, e, um tempo depois, da criança com seus colegas de turma, professores e respectivos amigos. Portanto, desde a infância o contato social é indispensável, uma vez que o ser humano precisa do próximo para sobreviver e saber viver.

Além de todos esses meus gostos aprofundados e aflorados pelas disciplinas da Faculdade, participei de muitos eventos, palestras, e realizei cursos *on-line*. No geral, as temáticas das palestras que me envolviam relacionavam-se com crianças, autonomia, leituras compartilhadas e formas de ensino didáticos e lúdicos. Os cursos *on-line* do qual participei foram voltados para que eu pudesse desenvolver mais o meu conhecimento

sobre alfabetização, que é a área na qual quero trabalhar. Estou ansiosa para colocar em prática tudo que aprendi durante meus últimos 4 anos.

Portanto, em minha trajetória acadêmica e escolar aprendi que cada um de nós, seres humanos, possui uma “lente”, para enxergar o mundo. E percebi que me tornei uma pessoa, com todos esses conhecimentos adquiridos, que enxerga o mundo de uma maneira mais sensível e lógica de como tudo acontece e o por que acontece, e assim consigo e espero resolver questões do nosso dia a dia de maneira mais clara, entendendo melhor o ser humano, que é com quem vou lidar diariamente. Quem diria que alguém tão tímida como eu se transformaria desta forma? Mas eu acredito que seja por que eu aprendi que, para ensinar uma criança, ademais do conhecimento, você não precisa de nada além de ganhar o coração dela. É a conexão que estabelecemos com as crianças que faz toda a pedagogia fazer sentido, por que não há certo ou errado, o que muda as situações e dificuldades do dia a dia é a conexão.

PARTE II

INTRODUÇÃO

A relação de crianças e adultos sempre foi muito delimitada. Os pais mandam, e as crianças obedecem seguindo as regras e os limites que eles impõem. Na escola acaba por ocorrer a mesma coisa, os professores que dão as rédeas e encaminham o que o aluno deve ou não fazer. Em geral, essas coisas acontecem de forma natural, pois estamos inseridos em uma sociedade que desde pequenos aprendemos o lugar de cada um e crescemos com a ideia de que quanto mais velho uma pessoa for, mais sabedoria e superioridade ela vai ter diante de uma pessoa "menor".

Frequentemente, o adulto exerce o poder autoritário porque é forte e quer que a criança, por ser fraca, lhe obedeça. No entanto, deveria o adulto constituir-se, junto à criança, em guia carinhoso e esclarecido, orientando a alma infantil pela senda reta e segura que leva ao Reino dos Céus (MONTESSORI, 2017, p. 20).

Entretanto, isso acaba desvalorizando o papel das crianças numa sociedade. Formam e moldam as crianças para obedecer e seguir uma linha, sem dar escolhas ou espaços para elas tomarem a própria decisão, pois desacreditam que elas são capazes de tomar atitudes e realizar atividades de maneira mais autônoma. Isso pode acabar gerando a seguinte situação: algumas pessoas crescem sem saber como fazer escolhas sozinhas, pois tem dificuldade, não sabem se virar e fazer coisas simples do dia a dia como, por exemplo, cozinhar, ou tomar decisões perante a alguma situação mais complexa. Crescem, tornam-se adultos frustrados por não saberem lidar com seus erros e problemas do cotidiano. Essa situação pode ter a sua gênese na infância, quando os pais não permitem que a criança tenha sua própria liberdade de fazer as coisas por si só.

Em 1907 foi criada uma metodologia de aprendizagem e ensino, que procura oferecer a criança o seu espaço na sociedade como pessoa capaz de fazer as coisas por si só, e que, além disso, acabam por aprender a partir dos erros, tentativas e de sua própria concentração. A metodologia criada por Maria Montessori tem a proposta de dar ênfase na autonomia, liberdade com limites e respeito pelo desenvolvimento natural das habilidades físicas, sociais e psicológicas da criança para que aprendam de forma independente e, conseqüentemente, formem adultos mais autônomos. Busquei aprofundar os estudos no desenvolvimento e autonomia na infância a partir de sua metodologia, de modo a estudar e perceber as contribuições deste método para o desenvolvimento infantil.

É relevante possibilitar diferentes escolhas às crianças e oportunidades para que elas mesmas nos ensinem coisas novas. Porém, é importante, também, darmos atenção

para que essa liberdade seja saudável e não tire a posição dos pais como mentores da criança, por que além de tudo, os pais precisam cuidar e ensinar aos seus filhos o melhor caminho a ser percorrido.

A partir do que foi apresentado, saliento que buscarei ao longo deste estudo responder a seguinte questão de pesquisa: como a metodologia montessoriana pode auxiliar no desenvolvimento da autonomia da criança da educação infantil? Além disso, alinhado a esta questão, o objetivo geral desta pesquisa é discutir como a pedagogia montessoriana pode auxiliar na formação da autonomia da criança na Educação Infantil. Para tanto, os objetos específicos, foram elencados como:

- Analisar os pressupostos teóricos e metodológicos da pedagogia montessoriana considerando como os ambientes, objetos, experiências e relações auxiliam na construção da independência da criança.
- Identificar na rotina escolar, quais as atividades que permitem que a criança realize as tarefas, por si mesma.
- Caracterizar como se dá a comunicação pedagógica com crianças e três a seis anos enfatizando a função do “erro” na construção da autonomia (expressar sobre a importância de evitar falar a palavra “não”).

Visando contemplar todos os pontos aqui citados, a monografia aqui presente terá um capítulo geral, sobre a pedagogia montessoriana em perspectiva, subdivido em quatro tópicos específicos, relacionando os objetivos específicos aqui elencados. Em conjunto a isso, o método utilizado para desenvolver minha investigação foi a partir de uma pesquisa bibliográfica, “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Artigos e livros esses tanto baseados na metodologia Montessori, quanto de outros autores que dissertam sobre autonomia, infância e criança. Em conjunto à pesquisa bibliográfica, é feita uma revisão de literatura, que como peça fundamental na definição/detalha de um problema de pesquisa, quer como um trabalho solo de pesquisa, uma revisão de literatura bem-feita constitui um passo decisivo para quem quer que pretenda entrar em uma área de pesquisa (LUNA, 1997, p. 25).

Para seguir com a revisão de literatura, é preciso encontrar literaturas científicas, seja em bibliotecas ou páginas da *internet*, sendo que este último engloba quase todos os trabalhos acadêmicos e profissionais em base de dados *online* (BARIANI; DIAS;

MIRANDA; COLOSSO; ROSA; MARCIANO; VILELA, 2007). Porém, é importante salientar que, há pouco estudo dessa área de pesquisa, portanto, além da revisão literária foi feita uma revisão sistemática de literatura. “A revisão sistemática (RS) é uma forma rigorosa de resumir as evidências científicas disponíveis que são derivadas de vários ensaios clínicos, estudos de diagnóstico e prognóstico, ou de um método em particular” (ROEVER, 2017, p. 127). Portanto, para tornar possível o desenvolvimento da pesquisa, essas foram as metodologias utilizadas como base. Os livros e artigos utilizados foram encontrados através de indicações e pesquisas feitas em bases de dados *online* como a BDM (Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília), a SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e o Google Acadêmico.

CAPÍTULO 1

A pedagogia montessoriana em perspectiva

O presente trabalho foi construído visando um aprofundamento e uma visão diferenciada sobre a educação das crianças pequenas. Para tanto, a pesquisa aqui realizada foi dividida em um capítulo principal, possuindo quatro tópicos que se complementam. No primeiro tópico iremos abordar sobre os pressupostos teóricos e metodológicos da pedagogia montessoriana. O segundo tópico abordará sobre a organização ambiental e o contexto sociorrelacional nas salas de aula. Em seguida, no terceiro tópico, será discutido a relação de autonomia por parte das crianças e como isso se desenvolve a partir da metodologia aqui desenvolvida. E por fim, no último tópico, será caracterizado como se dá a comunicação pedagógica com crianças de três a seis anos, enfatizando a função do “erro” na construção da autonomia.

A principal autora que rege a minha pesquisa é Maria Montessori, a partir de todos os seus relatos, técnicas e livros, mas, principalmente, o citado ao longo desse trabalho final de curso, chamado “Mente Absorvente” (1949). Ele engloba muito do que foi dito, da liberdade, e de que particularmente cada criança tem um professor interno nos seus primeiros anos de vida, em que ela percebe o mundo ao seu redor, absorvendo tudo que acontece e aprendendo, conseqüentemente, mesmo que de forma inconsciente, mas que, ao longo de seu desenvolvimento ela além de absorver, começa a agir em resposta aos estímulos absorvidos. Desta maneira, ela começa a desenvolver sua capacidade cognitiva, motora e emocional, se constituindo como ser humano no processo. Portanto, sua aprendizagem é algo natural, orgânica e intuitiva, por isso os mentores das crianças devem ser, além de tudo, grandes observadores, sem tirar da criança o seu poder de uma aprendizagem autônoma.

Entretanto, procurei por autores como Torres e Castro (2014), e Arendt (2005), que mesmo que não tenham ligação ou não utilizem da metodologia de aprendizagem abordada, confirmaram em suas teorias e opiniões sobre a importância de dar espaço para as crianças, de valorizá-las, além de as deixarem nos ensinar muitas vezes coisas que não esperamos que sejam capazes de fazer. Além disso, também trouxe bases do artigo de Viviane Edna Cruz e Giselle Thiel Della Cruz (2019), que apresentam toda a formulação e criação do método Montessori, bem como ele foi pensando, construído e dissipado pelo mundo, a construção do ambiente, pois ele influencia diretamente no desenvolvimento e autonomia da criança, e também materiais e atividades criadas pela própria Maria

Montessori com o intuito de desenvolver tanto a parte cognitiva quanto física das crianças, dando sempre o espaço e possibilidade dela aprender sozinha e com seus erros e acertos.

Acredito que esses autores são fundamentais para ampliarmos a visão de como essa forma inovadora de ensino pode auxiliar no engrandecimento das crianças, na sua autonomia e em sua disciplina. Como aponta a própria Montessori (2017, p. 54): “Disciplinado, segundo nossa concepção, é o indivíduo que é senhor de si mesmo, e, em decorrência, pode dispor de si ou seguir uma regra de vida”.

1.1 Pressupostos teóricos e metodológicos da Pedagogia Montessori

É importante darmos atenção a como criamos e formamos as crianças, elas serão o nosso futuro, e quanto mais crianças independentes emocionalmente, fisicamente e psicologicamente tivermos, com certeza, as dificuldades cotidianas serão resolvidas, na vida de cada um, de forma menos agressiva. Isso porque, desde a infância, elas estarão em contato com soluções de problema por conta própria, aprenderão o valor da aprendizagem que desenvolverão, e terão, assim, a capacidade de escolha com mais clareza.

O método de Montessori é baseado em uma educação contextualizada em que a criança através de suas experiências na de sala de aula relaciona e compreende seu cotidiano sem a imposição de formulas pronta e acabas sem chance de diálogo. Montessori fundamentava um conhecimento espontâneo e individual próprio do desejo natural da criança de aprender o que exige liberdade (MELO; DIAS; VARGAS; BORGES; OLIVEIRA, 2019, p. 95).

Darmos a oportunidade de liberdade e independência para a criança, pode fazer com que ela cresça com mais segurança de si própria, e evite depender dos pais ou de outras pessoas no seu futuro para conquistar ou fazer algo. Porém, é importante destacar que essa liberdade não significa abandono, pois são coisas totalmente diferentes. Você se torna mentor da criança, e não uma pessoa autoritária, pois é o adulto que dará as opções e não permitirá que a criança faça algo que possa vir a se machucar, que machuque o próximo, ou a natureza. No livro “A controvérsia montessoriana”, é possível observar esses aspectos, ele retratou que, para que cada criança seja compreendida em sua totalidade, e assim seja bem orientada, é necessário que ela possa se manifestar livre o suficiente para que o professor, ou o observador, possa constatar que caminho deve ser tomado com aquele ser em formação.

Estabelecer um equilíbrio entre liberdade com limites e autoridade, dos pais ou professores, é de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Como esse assunto é pouco abordado na nossa visão de mundo as crianças acabam por ser muito mais dependentes do que independentes. Essa relação foi discutida no livro “Disponibilidade ao outro: construindo novas formas de autoridade entre adultos e crianças”, onde foi dito que:

Se a ação – que pode ser também representada pela fala, pela escrita e pela brincadeira – é uma característica humana que produz novos começos, tanto crianças como adultos podem se manifestar, dispor de pontos de vistas diversos e juntos construir mundos comuns. Sem querer retirar do adulto seu papel de referência, para a criança apresentando um mundo que já existe antes dela – porque viveu mais ou porque já teve mais experiência de vida – os conceitos de natalidade e ação possibilitam à criança uma maior condição de participar dos assuntos de seu entorno (TORRES; CASTRO, 2014, p. 89).

Portanto, dar importância e espaço para que as crianças se desenvolvam e nos ensinam é importante para ambos os lados, para maior aprendizagem e oportunidades para um crescimento com ideias de novos começos, como apontou Arendt (2005, p. 191)“(...) a cada nascimento vem ao mundo algo singularmente novo”.

Uma das formas simples para podermos dar espaço para que as crianças façam as coisas por si só seria deixando-a praticar e aprender que diariamente ela tem tarefas simples do cotidiano, como após de acordar escovar os dentes, trocar seu próprio pijama por outra roupa para passar o dia, poder colocar sua própria comida, entre outras pequenas atividades do dia a dia. Tudo isso leva um pouco mais de tempo e de paciência, pois o ritmo em que a criança está é muito diferente dos adultos. A pressa, em geral, é dos adultos.

A escola primária montessoriana visa à autonomia no vestir-se, despir-se, lavar-se, conhecer as regras e os modos de correção. Dentro deste espaço tudo será disponibilizado de acordo com a idade e necessidade da criança desde moveis em tamanho menor leves para locomoção livre do mesmo, ha armários com trancas e chaves disponíveis e ao alcance para utilização das crianças, materiais de higiene como escova, toalha, sabonete para livre acesso e manuseio (MONTESSORI, 1965 *apud* MELO; DIAS; VARGAS; BORGES; OLIVEIRA, 2019, p. 99).

Por tanto, separar um dia para que ela possa ter essa oportunidade ou separar a rotina dela para que isso possa ser encaixado, acredito que, seria algo benéfico para aplicar a metodologia em ambientes além da escola. Na escola, como tudo acaba sendo adaptado, se torna mais fácil, assim como o tempo que elas terão lá será todo dedicado a isso. Porém, é importante salientar que essa forma de pensamento não deve ser conduzida

apenas na escola, mas principalmente em casa, para que realmente a criança não fique limitada a situações que ela tem capacidade de fazer sozinha e não tem oportunidade. Nesta metodologia, são utilizados de materiais manipuláveis que agucem os sentidos, a memória, o raciocínio lógico da criança, além de permitir a descoberta e a curiosidade pelo novo. Utilizando materiais didáticos simples e atraentes criados especialmente para provocar o raciocínio, auxiliando assim em seu aprendizado (MACHADO, 1986, *apud* MELO; DIAS; VARGAS; BORGES; OLIVEIRA, 2019).

Utilizar objetos feitos em proporções que permitam com que a criança os use com eficácia, como mesa, cadeira, quadro, cama, moveis e objetos em geral que sejam da altura e do tamanho adequado para que a criança possa realizar suas tarefas de forma autônoma, auxiliam no seu desenvolvimento e na prática diária de atividades. No artigo da Revista Saúde e Educação, eles dizem que Aranha (1996) cita que os materiais didáticos ricos na estimulação sensório motora, ou seja, o concreto, contemplando diferentes, sons, dimensões, movimentos, sensações térmicas etc. (2019, p. 98) são a base para que a criança tenha um ambiente rico para o seu desenvolvimento, influenciando diretamente na aprendizagem dos pequenos, que terão assim, o poder de escolha e oportunidades de estímulos diversos. A liberdade e a disciplina se equilibram na metodologia pensada por Maria Montessori, e o equilíbrio harmônico do corpo, de sua inteligência e vontade, faz com que as crianças se sintam instigadas pelo novo, pelo seu próprio desenvolvimento, sendo assim “senhora de si”, e conquistando, gradualmente seus espaços.

1.2 Organização ambiental e contexto sociorrelacional da sala de aula

O ambiente no qual a criança está inserida, é de extrema importância para o seu desenvolvimento, e para isso, ele necessita de ser adaptado, tanto na escola como em casa. Deve ser um espaço planejado e composto para atender suas necessidades, bem como para despertar a curiosidade e interesse dos pequenos pelo mundo. É importante destacar que a criança, nesse método, não tem sua liberdade como forma de abandono, ou desleixo, pois todos os passos que a criança dará serão observados, e os adultos que conduzirão, de certa forma, o que elas irão ou não poder fazer, dependendo da disponibilidade dos objetos a sua altura, das atividades, das opções que os mesmos darão, e assim por diante. Neste tópico, trataremos, portanto, sobre a importância dos ambientes para o

desenvolvimento dos pequenos, as experiências e relações, que neste ambiente, auxiliam a construir a independência da criança.

Além de um ambiente limpo e organizado, os espaços Montessori compõem-se em atividades de vários tipos, como matemática, português, artes, entre outros, onde a criança terá a opção de escolher a que mais lhe agrada. Suas atividades serão realizadas em um espaço limitado apenas para ela, sem que haja a interferência de outras crianças caso ela não queira que sua atividade seja feita de forma compartilhada. Além disso, em salas com essa metodologia, geralmente existem crianças de idades diferenciadas, a fim de que uma aprenda com a outra e possam se ajudar mutuamente. Dessa forma, a sala deve permitir que as crianças se movimentem livremente e que tudo que a compõe desperte o interesse dos pequenos. A educação sob a visão montessoriana denota a sala de aula como uma mini sociedade não visando somente o conhecimento letrado das crianças, mas, abrange disciplina e autonomia para atuação da criança no meio estabelecendo suas necessidades, ritmo e esforço (MELO; DIAS; VARGAS; BORGES; OLIVEIRA, 2019, p. 99).

A organização do ambiente preparado no contexto montessoriano é uma forma de incentivar a criança a organizar os próprios processos cognitivos, e além da organização escolar, como foi dito, também em casa, o ambiente pode ser preparado com a disposição dos objetos do seu dia a dia ao seu alcance, com mesas e cadeiras adaptadas, bancos para que fiquem à altura dos móveis, entre várias outras adaptações. Isso faz com que tudo seja pensado como uma forma de incentivo para que a criança realize as tarefas por si mesma, sem a necessidade de uma ajuda constante do adulto responsável. A importância do ambiente no qual a criança está inserida, é de extrema relevância para o seu desenvolvimento e a construção do seu caráter. Isso por que, o ambiente deve ser organizado de forma que os pequenos tenham a liberdade de ir e vir realizar suas atividades e resolver os pequenos problemas que possam encontrar em suas experiências. Este ambiente, portanto, deve ser proporcionador de concentração. O caráter se forma e a criação do indivíduo se completa através de uma atividade que promove, num local recolhido, a concentração (MONTESSORI, 1949, p. 242).

A concentração, nesses ambientes devidamente planejados, para que as crianças possam realizar e ter experiências, é promovido através de objetos. Esses objetos, que ocupam os ambientes montessorianos atualmente, foram selecionados especificamente por crianças de todo o mundo. Foi feita uma pesquisa, descrita no livro “Mente Absorvente” (1949) de Maria Montessori, em diversas salas de aulas espalhadas pelo

mundo, onde foram colocados diversos objetos em quantidades consideráveis, disponíveis para que as crianças pudessem escolher livremente. O resultado foi que as crianças escolheram sempre objetos específicos, enquanto outros nem lhes despertavam o interesse (diferentemente do que alguns adultos acreditavam, nesta mesma pesquisa), e foram esses objetos escolhidos em comum que foram selecionados para fazer parte das salas de aula de escolas montessorianas. As próprias crianças escolheram e tiveram suas preferências. “Elas escolhem os objetos que as ajudam na construção delas mesmas” (p. 243). Além disso, nas escolas, existe apenas um exemplar de cada objeto. Existem vários objetos diferentes, pois isso permite com que a criança tenha liberdade de escolha na hora que for procurar por estes objetos e escolher o que mais lhe desperta o interesse. Porém, existe apenas um objeto de cada, e isso proporciona para os pequenos a noção de espera, paciência e abnegação de seus impulsos. Experimentam assim o respeito e a espera pelo outro. Entendem naquele momento, que mesmo que ele queira o objeto, há outra pessoa usando-o, e assim que terminar, será a sua vez. Isso permite que a criança desenvolva a virtude social da paciência, e desenvolva qualidades sociais. A criança fará isso de forma natural, ninguém precisa dizer isto a ela, ela mesmo entende, em sua experiência, que é necessário que isso seja feito para que haja uma harmonia entre todos. Quanto mais isso é exercido pelos pequenos, durante anos, conseqüentemente estas virtudes farão parte da sua vida, para sempre, entendendo os conceitos de respeitar, esperar e ter paciência, construindo assim, a sua própria vida social.

Além de permitir com que a criança exerça sua faculdade de escolha dentro deste ambiente, é de muita relevância que os adultos sejam mentores nestes momentos, o adulto não pode ensinar valores morais para as crianças nem mesmo interferir nos pequenos problemas que elas encontrarão durante suas vivências, mas a própria experiência da criança a ensina verdadeiramente. Por instinto, o adulto se vê na situação de fazer tudo pela criança, de maneira imediata, e corta assim, possibilidades de aprendizados que aquelas crianças poderiam ter nestes momentos. E são esses pequenos momentos que farão com que as crianças desenvolvam um “exercício de experiência social, e estes problemas solucionados de modo pacífico constituem uma experiência continua de situações de que o professor não poderia suscitar” (p. 245). Estas experiências aproveitadas pelos pequenos suscitarão sua construção social.

Em conjunto aos objetos, que permitem com que a criança desenvolva a concentração, a construção do ambiente para as crianças, também engloba a relação das classes em sala de aula. Diferentemente das escolas tradicionais, as escolas

montessorianas, reúnem em uma mesma classe, crianças de três a seis anos. Em outra classe, crianças de sete a nove anos, e assim por diante. Desta forma, crianças de diversas idades convivem entre si e aprendem umas com as outras. A importância de permitir com que crianças de diversas idades tenham aulas em conjunto, é justamente em relação à troca que elas vão exercer entre si. Na maior parte das vezes, as crianças entendem melhor umas com as outras, do que com os adultos ensinando. Mesmo que sejam de idades diferentes, elas veem umas nas outras uma maior proximidade e uma oportunidade de fazerem trazerem aquele conhecimento para si.

Os professores são incapazes de fazer uma criança de três anos entender uma série de coisas, já uma criança de cinco anos sabe se fazer entender na perfeição: Há entre elas uma osmose mental natural. E mais, um garoto de três anos se interessará por aquilo que faz o de cinco, pois não será uma coisa que esteja muito distante de suas possibilidades (MONTESSORI, 1949, p. 247).

Portanto, visando essa educação de forma vertical, as crianças aprendem muito mais do que conteúdo, aprendem sobre a vida e as suas relações na sociedade. Aprendem que existem muitas categorias de caráter além do seu, temperamentos diferentes, características individuais, e assim vão se formando, e sempre entendem que o outro não é melhor nem pior, é seu igual, em relação às capacidades, oportunidades e desenvolvimento. Este ambiente não é propício de inveja, ódio, rivalidade e humilhação, como pode ocorrer em algumas classes de escolas tradicionais, em que os alunos, além de serem divididos em turmas de crianças com as mesmas idades, portando então, as mesmas dificuldades de forma geral, proporciona neste ambiente uma disputa por quem sabe mais do que o outro, quem se sai melhor nas atividades oferecidas, e assim por diante. Esta classe, quando possuem pessoas com a mesma idade, não permite que o desenvolvimento delas flua, e elas precisaram buscar apoio em alguém que saiba mais do que elas, e geralmente este alguém é um professor. Voltamos assim à estaca do que eu havia dito logo no início, é muito difícil que um professor se faça entender por completo, sendo tão distante da criança, em relação a sua idade, seu conhecimento, e seus pensamentos. Maria Montessori aponta que desta forma a fraternidade não pode ser desenvolvida, pois, as crianças de mesma idade, com apenas o professor como seu mentor principal, competindo entre si para ver quem tira a melhor nota, quem se destaca mais na classe, só desenvolve a rivalidade, transformada em ódio e inveja. E diante disso, a autora ainda expõe que esta é a época que são construídas as qualidades sociais e antissociais segundo o ambiente, sendo neste momento que se encontra o ponto de partida.

Podemos observar nas crianças, com a oportunidade de estarem em um ambiente proporcionado e pensado especificamente para o seu desenvolvimento, que as mesmas têm muita empatia pelo próximo, na maior parte das vezes elas não enxergam novas crianças ou alunos que possuem alguma dificuldade a mais, como indivíduos ruins, mas sim como crianças em um processo. E elas se veem totalmente disponíveis para ajudá-las, para mostrar-lhes que não tem problema elas errarem ou se comportarem de uma maneira diferente dos demais alunos. Os pequenos sempre procuram ajudar os mais “fracos”, procuram perceber as necessidades reais que outra criança necessita, necessidades que elas entendem quando precisa de fato ajudar a outra criança, ou ainda quando não é o momento, porque todas elas estão passando, ou passaram, por essas situações. Por isso é importante que uma classe seja composta por estudantes de diversas idades, para que essa troca natural entre os pequenos seja realizada.

Existem entre as crianças uma forma clara de fraternidade, calcada sobre um sentimento mais elevado, que cria a unidade no grupo. Através destes exemplos podemos nos dar conta que no ambiente onde os sentimentos estão num nível elevado e as crianças estão normalizadas, cria-se uma espécie de atração. Assim como os maiores se voltam para os menores, e vice-versa, da mesma forma os normalizados são atraídos pelos novos e estes pelos já ambientados (MONTESSORI, 1949, p. 252).

Os adultos têm muito o que aprender com as crianças, pois observando elas, é possível perceber a quão fraterna elas são. Elas ajudam seus colegas, independentemente se eles erram, ou se comportam de forma equivocada, ou ainda se são crianças consideradas “más”, elas veem sempre uma oportunidade de ajudar e de mostrar que elas conseguem fazer o que quiserem, e que, além disso, não há problema de elas estarem se comportando ou fazendo coisas consideradas por muitos como um mau comportamento. E é dessa forma, que os adultos também evoluem, quando ajudam os mais fracos, os pobres, ao invés de oprimi-los e enxota-los, como disserta Maria Montessori. Há ainda os que pensam, como essas crianças tão novas conseguem fazer essas coisas, se comportar de tal maneira e ter tais atitudes, e a resposta é muito simples: isto é resultado das leis naturais. Permitir e disponibilizar para as crianças todos os aspectos aqui citados, desde os objetos, o ambiente, as oportunidades de erro e acerto, de não interferir em seu desenvolvimento natural a partir de sua própria experiência, exercendo sua faculdade de escolha neste ambiente psíquico, todas essas questões, sendo no fundo, permitir com que a criança viva por si mesma e aprenda desta forma, é como elas conseguem se comportar

desta maneira “curiosa”, pois só assim elas se encontram verdadeiramente e constroem o seu caráter.

1.3 Autonomia

Segundo Maria Montessori, em seu livro sobre “Pedagogia Científica” (1965), os princípios de liberdade e a sua conceituação, em relação à educação infantil, para alguns pedagogos, está relacionado a “uma liberdade parcial, tal como a da pátria, de uma casta, de uma forma do pensamento” (2017, p. 16). A visão de liberdade para eles, portanto, está relacionada a uma liberdade parcial, a uma situação mais teórica do que realmente prática, e o que ocorre, é que, principalmente nos ambientes escolares, seria necessário que fosse exercido o livre desenvolvimento da atividade da criança, para que assim, a sua independência fosse efetivada em sua verdadeira concretude.

A concepção de liberdade que deve inspirar a pedagogia é universal: é a libertação da vida reprimida por infinitos obstáculos que se opõem ao seu desenvolvimento harmônico, orgânico e espiritual. Realidade de suprema importância, despercebida até o presente pela maioria dos observadores (MONTESSORI, 2017, p.16).

É possível refletir sobre a relação da criança com a sua independência, sua liberdade e sua autonomia. Segundo definições de Oxford Languages, independência significa: “estado, condição, caráter do que ou de quem goza de autonomia, de liberdade com relação a alguém ou algo”. Portanto, esta relação de independência e autonomia para a infância, não é muito bem estabelecida. Talvez seja pela situação que as crianças ocupam, de estarem, muitas vezes, dependentes de um adulto. Porém, isso ocorre pela definição que temos, de maneira cultural, do que é ter independência, das definições de independência e liberdade do mundo adultos.

Pois eles têm uma ideia bem deficiente do que seja a liberdade. Eles não possuem a amplidão do horizonte infinito da natureza. Somente a criança oferece em si mesma a imagem da grandeza da natureza, a qual dá a vida concedendo liberdade e independência, e o faz seguindo determinadas regras com relação ao tempo e as necessidades do ser; ela transforma a liberdade numa norma de vida (MONTESSORI, 2017, p. 106).

Maria Montessori diz que a conquista da independência, faz parte do desenvolvimento natural do ser humano.

Se examinarmos de perto o desenvolvimento natural, podemos defini-lo como a conquista de sucessivos graus de independência, não só no campo psíquico, mas também no físico; isto porque o corpo também tem uma tendência para crescer e desenvolver-se, impulso e estímulo

tão forte que somente a morte será capaz de truncar (MONTESSORI, 1949, p. 99).

Desta forma, é possível percebermos, que a independência está diretamente ligada ao desenvolvimento humano, desde o nascimento, quando o bebê se desprende do ventre materno, tornando-se independente das funções da mãe.

O ato de ter autonomia, portanto, é muito mais profundo do que é pautado socialmente, e desta forma, a criança tem total condição de ser autônoma, dentro dos seus limites. Pois, naturalmente ela irá querer realizar atividades, irá querer explorar, investigar, aproveitar da sua curiosidade natural, do seu anseio por descobrir, trabalhando assim de forma psíquica, mas estimulando também o seu físico. O contato do corpo com o meio, o movimento dos braços, pernas, mãos, os movimentos delicados e mais firmes dos dedos. Tudo isso, e muito mais, é exigido do ser humano diariamente, e a criança desenvolvendo isso, com autonomia para fazer isso sozinha, irá se desenvolver de forma muito mais independente e mais libertadora. Sem a necessidade de que um adulto esteja fazendo tudo por ela, a todo o momento. “Se a criança sente o impulso da conquista do ambiente, está claro que o ambiente deve exercer sobre ela uma atração; podemos também dizer, como o fez Katz, *que o mundo se apresenta à criança rico em aspectos, expressões e em estímulos emotivos*” (MONTESSORI, 1949, p. 99).

Se o adulto permite que a criança faça o que ela é naturalmente feita para fazer, como falar, correr, brincar, se movimentar, organizar, arrumar, guardar, comer, se lavar, ele estará contribuindo diretamente para o desenvolvimento normal desta criança. Se os pequenos exploram, eles aumentam a própria independência, conquistando pouco a pouco novas habilidades e capacidades, físicas e intelectuais, por serem deixados livre para atuar, para viver.

A criança se desenvolverá com o exercício da independência que ela mesma conquistou para si; o desenvolvimento, na realidade, como costumam se expressar os psicólogos modernos, não acontece sozinho; “o comportamento se afirma em cada indivíduo com as experiências que ele conduz no ambiente” (MONTESSORI, 1949, p. 104).

O caminho que a educação, os professores ou adultos tomam, quando querem auxiliar o desenvolvimento dos pequenos, é deixar com que eles explorem o seu meio, da sua forma, na sua singularidade, da maneira que eles acharem mais adequado para si. Claro, respeitando os limites para que eles não machuquem a si mesmo, ao outro ou a natureza, mas deixando com que eles sejam eles mesmo, e vibrando suas conquistas. Pois, “não podemos deixar de nos alegrarmos quando a criança dá sinais de ter atingido um

certo nível de independência e não podemos controlar nossa alegria quando a criança pronuncia sua primeira palavra, ainda mais porque sabemos que nada fizemos para provocar este acontecimento” (1949, p. 104), Pois o adulto não age sobre essa independência, ela é natural do ser humano, o adulto é capaz de alterar essa autonomia, de cortar esse desenvolvimento, e desta forma o desenvolvimento infantil se torna incompleto, quando não se permite com que a criança possa fazer suas próprias experiências em seu meio. A independência do corpo e da mente, segundo Montessori (1949), é como a criança procura por ela. Ela quer aprender sozinha, experimentar o mundo e compreendê-lo através de seu esforço pessoal. O ser humano tem esta tendência natural, e deter isso é como causar uma “degeneração no indivíduo”. O livro de “Formação Docentes” (SÃO PAULO, 2012, p. 15), diz que:

Holec (1981) foi um dos primeiros autores a discutir o conceito de autonomia na educação, com base na ideia de um homem produtor de sua sociedade ao invés de um homem como produto de sua sociedade. O autor define autonomia como a habilidade para encarregar-se da própria aprendizagem (HOLEC, 1981, p. 3).

Neste mesmo livro, o autor cita Nicolaidis (2003), que diz que alunos autônomos são capazes de buscar o conhecimento de forma mais independente e eficaz (p. 16). Pode-se perceber que, a autonomia está diretamente relacionada a algo singular, individual, natural, do processo de desenvolvimento do ser humano. Também está relacionada a ideia de um ser que produz, livre, independente, e não fruto de uma sociedade que o molda, e que não o permite ser livre.

É importante ressaltar que, a autonomia da criança, sua liberdade e conseqüentemente a sua independência, mesmo que esteja diretamente relacionada a algo individual, não exclui o papel dos adultos como mediadores. Mediadores estes que, por meio da natureza, pode demonstrar melhores caminhos que a criança possa vir a tomar. Oferecer alternativas, guia-las sem tirar a sua autonomia de poder pensar, agir, opinar. A relação dos adultos e das crianças é uma constante de crescimento, amor, respeito e compartilhamento. O adulto é necessário e importante para que o desenvolvimento da criança seja seguro, saudável, e apresente a ela os ambientes que permitirão com que ela exerça da melhor maneira a sua independência.

Qual é a finalidade desta sempre crescente conquista da independência? De onde se origina? Ela surge na individualidade que se forma e torna-se capaz de funcionar por si mesma. Porém, na natureza, todos os seres vivos têm em mente este fim; cada qual funciona por si e logo, também nisto, a criança obedece ao plano da natureza, ela alcança a liberdade que é a primeira norma de vida de todos os seres. Como é que a criança

conquista a independência? Conquista-a através de uma atividade constante. Como é que a criança efetiva a sua liberdade? Com um esforço contínuo; somente uma coisa a vida não pode fazer: parar e deter-se. A independência não é estática, é uma conquista contínua, e através de um trabalho constante atinge-se não apenas a liberdade, mas a força e a auto perfeição também (MONTESSORI, 1949, p. 106).

Desta forma, o respeito a autonomia é primordial para que o desenvolvimento da criança seja efetivado. Paulo Freire (1996), em seu livro sobre “A Pedagogia da Autonomia”, ainda diz que “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um, é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (p. 31). A fim de complementar este arcabouço de ideias aqui apresentadas, realizei uma nuvem de palavras, no site denominado *Mentimeter*, relacionando palavras e conceituações em relação a autonomia na infância. Essas palavras foram retiradas de livros e artigos, de todos os autores citados no texto aqui presente, ligadas a palavra “Autonomia”. O resultado da nuvem, e o que podemos analisar acerca das palavras reunidas, é que “liberdade” está no centro delas. Liberdade está diretamente relacionado a autonomia quando pensamos nela na educação infantil, mesmo de autores que não buscam a Pedagogia Montessori como base. Isso demonstra que quando se pretende dar autonomia as crianças, o primeiro e principal caminho, provavelmente, será dar-lhes a liberdade que elas precisam.

Autonomia

Mentimeter



Figura 1 – Nuvem de Palavras relacionadas à Autonomia.
Fonte: Mentimeter (2022)

1.4 Caracterização de como se dá a comunicação pedagógica com crianças de 3 a 6 anos enfatizando a função do “erro” na construção da autonomia

Como estamos procurando trabalhar a independência da criança e sua autonomia com os pequenos desafios diários para o seu aprendizado, falar “não” é uma forma de limita-la sem ajudar. Pois, existem limites que devem ser considerados, quando a criança faz algo que possa machuca-la, ou machucar quem está ao seu redor, mas muitas vezes dizemos “não” sem a verdadeira necessidade e isso pode limitar, trazer receios, medos para os pequenos, ou até mesmo instigá-las a testar os limites de até onde ela pode ir, pois, é muito mais difícil fazer algo que estamos proibindo de fazer, até mesmo para os adultos.

Uma reflexão que se faz necessária é sobre como evitar dizer a palavra, “não”. Esta questão é um exercício diário, que os professores de escolas montessorianas têm mais facilidade de exercer, mas não é nada que os pais não possam praticar. Em vez de negar, dar opções do que a criança pode fazer seria algo melhor, para, inclusive, mostrar-lhes que ela não pode fazer absolutamente tudo, mas que mesmo assim tem a oportunidade de escolher dentre aquilo que ela possa. Por exemplo: a criança quer pegar um objeto que, provavelmente, poderia quebrar ou até machucá-la, em vez de dizer “não”, o adulto pode oferecer outros objetos que lhe convém e ela poder escolher com qual ela gostaria de brincar. Depois de algumas tentativas, a própria criança vai perceber que não pode mexer com o que ela queria a princípio. Isso poderá contribuir para que as crianças aprendam de forma menos agressiva, e comecem a perceber que ao seu redor existem limites que devem ser cumpridos.

O erro tem um papel muito importante na vida das crianças. É neste momento da vida que existe uma ótima oportunidade de aprender sobre o erro e como ele não é algo negativo, mas sim, necessário. Todos erram, e errar faz parte do caminho da vida, da progressão, da própria união das pessoas, que buscam por novas soluções juntas. Se todos fossem perfeitos ou caminhassem a ponto de chegar a esta perfeição, nada faria mais sentido. Pois, pessoas perfeitas não tem o que aprender e o que evoluir. É um estagio que se tornaria estagnado. Portanto, para que o próprio mundo flua, as pessoas precisam encontrar erros, errar, e assim procurar soluções para acertar e fazer diferente. Podemos ver isso na citação a seguir, retirada do livro “Mente Absorvente”, da própria Maria Montessori, desenvolvedora do método:

A possibilidade do controle de erro diz à criança que ela é seu próprio professor; que ela não necessita, em seu trabalho diário de repetição

para a aprendizagem, da constante presença do professor enquanto alguém a corrige ou que a ensina algo. É através do controle de erro que a criança poderá perceber seu erro por si mesma e corrigi-lo também por si mesma. Corrigir-se torna-se algo natural e parte do trabalho pessoal, diário da criança (MONTESSORI, 1949, p. 81).

Seguindo esta linha de pensamento, por que uma parte dos adultos cobram e almejam que as crianças sejam perfeitas? As crianças precisam ter consciência de que erram, e precisam errar para conseguir evoluir. E ainda mais, os pequenos precisam ter controle individual do erro, pois só assim eles irão conseguir aprender verdadeiramente, com seus próprios equívocos e enganações. “Na vida escolar deve estar presente o princípio de que o importante não é a correção, mas sim o controle individual do erro, que nos mostra se temos razão ou não” (p. 268). Isso permite que eles descubram mais sobre a vida, e tenham interesse para solucionar problemas e progredir cada vez mais. Desta forma, é importante ressaltar como o adulto não deve interferir nestes momentos da criança, nestes pequenos problemas que elas encontram, permitindo com que elas façam por elas mesmas, e assim os pequenos passos levarão a grandes coisas, como citado por Maria Montessori, que diz ainda que se, na prática da vida escolar for sempre permitido este possível controle dos próprios erros, aí sim, estarão no caminho verdadeiro da perfeição.

Aquilo que é necessário na ciência positiva e na vida prática deve ser reconhecido também, desde o início, como necessário a educação: a possibilidade de verificar o erro (MONTESSORI, 1949, p. 269).

A prática de corrigir o próprio erro torna as pessoas mais seguras de si, e quanto mais cedo esta prática é exercitada, mais segura de si as pessoas serão em qualquer problema que venha acontecer. Isso não tira a possibilidade de as pessoas pedirem ajuda, de precisarem do outro, mas sim que se tornem capazes de serem também independentes em determinadas situações. As crianças que têm ajuda para tudo que fazem, inclusive suas atividades e pequenas questões do dia a dia, das provas e exercícios que precisam fazer, dos questionamentos que devem levantar, se tornam crianças que não exercem a espontaneidade e suprimem seu desenvolvimento natural, como visto no livro “Mente Absorvente” (MONTESSORI, 1949). Esta espontaneidade é importante, pois ela é a curiosidade que fará com que a criança queira aprender cada vez mais, principalmente com seus equívocos.

O professor não deve fazer, é interferir para elogiar, para punir ou para corrigir erros. Muitos educadores julgam este nosso princípio errado e revelam-se contrários ao nosso método baseando-se sempre sobre este

ponto. Dizem eles: “como podem fazer a criança progredir se não lhes corrigem os erros?” Na educação comum o dever fundamental do professor é corrigir, tanto no campo moral como no intelectual; a educação caminha segundo duas diretrizes: premiar ou punir (MONTESSORI, 1949, p. 266).

E neste momento os professores são essenciais como verdadeiros mentores e não pessoas que estão ali para punir ou premiar os pequenos alunos. Ser um mentor, é ser um guia que esteja ali disponível para auxiliar a criança e não mandar nela, não corrigir os seus erros. Este ato de correção do erro do outro não permite com que a própria pessoa consiga observar o que ela está fazendo de errado, e assim acaba por não aprender, e muitas vezes acaba por repetir o mesmo erro. A criança só aprende quando repete uma mesma atividade várias vezes, e consegue visualizar o que ela mesma está fazendo, com ela própria se corrigindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, aqui desenvolvido, permite que as pessoas possam conhecer como é interessante e profunda a maneira como Maria Montessori deu a oportunidade da criança se desenvolver em seu tempo, espaço e por ela mesma, e que, além disso, como este estilo de aprendizagem é efetivo e benéfico para o desenvolvimento infantil, em relação às habilidades físicas, sociais e psicológicas da criança, para que assim aprenda de forma independente e, conseqüentemente, formem adultos mais autônomos.

É muito importante que essa autonomia seja dada às crianças, pois como vimos, essa independência é parte do processo de desenvolvimento dos pequenos, que desde o seu nascimento, tornam-se independentes dia após dia, em pequenos gestos, ações, movimentos, palavras, gostos, tudo que vai permitindo com que eles conheçam o meio que vivem e o mundo ao seu redor, moldando gradualmente o seu próprio ser, formando o seu caráter. A força vital da natureza faz com que o ser humano sintam-se instigado a explorar o meio e fazer as coisas por si só. A autonomia faz parte do cotidiano e as crianças necessitam dela para se desenvolver, porque é através dela que as ações das crianças se tornam responsáveis, reflexíveis e maduras, como visto no artigo de Viviane Edna Cruz e Giselle Thiel Della Cruz (2019).

Desta forma, o objeto desta monografia foi demonstrar que o desenvolvimento da autonomia também deve ser considerado como parte fundamental da aprendizagem das crianças e também de seu desenvolvimento. Pois, é a partir dela que o ser humano, em sua liberdade e totalidade, participa de seu meio de maneira mais efetiva, consciente de si, de suas escolhas, de suas ações, e de novas possibilidades, que o pensar com autonomia possibilitam. Além disso, foi possível observar que para isso ocorrer e que para que a metodologia seja realmente eficaz, é importante que o professor atue como mediador da aprendizagem, possibilitando com que as crianças aprendam por si mesmas, e não interfiram diretamente, não sejam autoritários, que não exijam das crianças que sejam perfeitas, que saibam fazer tudo que lhes é oferecido, gerando assim inseguranças e disputas entre as próprias crianças. Essa aprendizagem deve ser saudável, baseada no amor, no respeito, inclusiva para todos os alunos, pois é isso que fará com que os pequenos anseiem pela aprendizagem, pelo conhecimento do novo, e cuidem do próximo, inclusive, aprendendo juntos, entre si. Desenvolvem assim o respeito, a paciência. Nada melhor do que crianças que compartilham de seus saberes. Junto a isso, dar a oportunidade de a criança aprender a partir de seus erros e acertos torna-a mais forte e

confiante das atitudes que toma, pois assim ela entende não haver problema em errar, e que errar, na verdade, faz parte do aprendizado dela, faz parte para ela conseguir assim, vir a acertar. Ela mesmo a corrige, ela se torna a professora de si mesma.

Para que todas essas possibilidades sejam possíveis, é de extrema relevância que o ambiente em que a criança esteja inserida seja adaptado, especializado para ela poder se movimentar livremente e utilizar dos objetos e móveis dispostos para adquirir novos conhecimentos. Crianças em ambientes adequados e que visam a elas como centro daquele espaço, além de despertar seu interesse, incentiva-as a organizar os próprios processos cognitivos. Além da organização escolar, como foi dito, em casa o ambiente pode ser preparado com a disposição dos objetos do seu dia a dia, adaptados da mesma forma, para que esse processo de aprendizagem não seja realizado apenas no ambiente escolar, mas também em seu lar. Pois, como dito, a metodologia montessoriana é mais que uma proposta metodológica, pedagógica, de ensino, é um estilo de vida, é uma filosofia, que permite, assim, que a criança se desenvolva em sua totalidade, pois, como disse Maria Montessori: “Eu não inventei um método de educação, apenas dei para as crianças uma chance de viver” (2017).

Como eu havia apontado em meu memorial, no início do trabalho aqui apresentado, fui uma criança que estudou durante toda a vida em uma escola tradicional. Porém, a partir do desenvolvimento da análise sobre a pedagogia montessoriana, pude perceber que muito do que a autora acredita perpassa pelas crianças, mesmo que elas não sejam estimuladas diretamente a isso. Quando criei um *hobbie* pela leitura e pela escrita além da sala de aula, quando estudei sozinha para as matérias escolares e para o vestibular, em todos esses momentos estive exercendo a autonomia natural que é dada as crianças, pelo impulso natural da vida, pela vontade de descobrir e explorar seu meio e seus gostos. Dessa forma, é possível perceber como a filosofia de vida que Maria Montessori sugere sobre os pequenos, faz sentido e se faz presente em todas as crianças, e muitas vezes está esperando apenas para ser despertada de uma forma mais efetiva. Por que se essa autonomia é natural de todos nós, permitir com que as crianças façam as coisas por si mesma reforça esse desdobramento. Por isso a importância e essencialidade de termos ambientes, materiais, e o suporte dos adultos, para que, de fato, esse processo de ensino e desenvolvimento infantil seja efetivado da melhor maneira.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ter a oportunidade de fazer o curso de Pedagogia foi uma realização pessoal de um sonho que construí quando era mais nova, e sinto, hoje, que este sonho foi realizado com sucesso. Eu vivi intensamente todos os momentos da Universidade de Brasília, e adquiri muitos conhecimentos na minha jornada, conheci muitos autores, livros, artigos, professores e pessoas que jamais esquecerei. Lembro-me de todas as vezes que me emocionei com os textos que lia, textos das bibliografias básicas recomendadas pelos professores da Faculdade de Educação, cada nova descoberta, cada novo olhar, novos sentimentos, foram sendo significados em mim e me tornaram a pessoa que sou hoje. Sinto-me hoje completa, e realizar meu sonho de me tornar pedagoga, me fez criar novos outros grandes sonhos.

Esta monografia, referente ao desenvolvimento e a autonomia na infância, e minha paixão pela Pedagogia Montessori, me fizeram sonhar em um dia me especializar neste método de ensino, e aprofundar meus conhecimentos sobre tal. Gostaria de dar continuidade em minha pesquisa, ampliando minha metodologia e pensando em novas possibilidades para a mesma. Além disso, ainda diante desta pedagogia, gostaria de exercer este trabalho como docente, em escolas que tenham esse método como princípio.

Além de ter um anseio muito grande de trabalhar em escolas que visam esta metodologia, pretendo trabalhar em outras escolas, conhecer diversas realidades, pessoas, culturas. Atualmente, obtive aprovação no Concurso da Secretaria de Educação para professora temporária do Distrito Federal, e pretendo, assim, finalizando a Faculdade, exercer meu papel de docente nas escolas públicas do DF. Inclusive, essa era uma das minhas metas quando entrei na Universidade, e além do concurso temporário, pretendo pleitear uma vaga no Concurso para professora efetiva da Secretaria de Educação.

Por fim, pretendo, independentemente de onde irei trabalhar, espalhar o amor pelas crianças, dar voz a elas, e mostrar a importância fundamental e o poder que as crianças podem exercer. Vou fazer por elas, porque elas que podem mudar o mundo.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, [1954], 2005.

BARIANI, Isabel Cristina Dib; DIAS, Cristiane Guidetti; MIRANDA, Íris; COLOSSO, Marina; ROSA, Mirian Maria Zucareli; MARCIANO, Rafaela Paula; VILELA, Renan Ribeiro. Orientações para busca bibliográfica on-line. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 11, n. 2, p. 427-433, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000200022>. Acesso em: fev. 2022.

CRUZ, Viviane Edna; CRUZ, Gisele Thiel Della. O método Montessori e a construção da autonomia da criança na Educação Infantil. **Caderno Intersaberes**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 95-116, 2019. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1261>. Acesso em: mar. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 1997. (Série Trilhas). Disponível em: <https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:214>. Acesso em: fev. 2022.

MELO, Juliane; DIAS, Maria; VARGAS, Pollyana; BORGES, Tatiane; OLIVEIRA, Suzeilane. Educação infantil no Método Montessori. **Revista Saúde e Educação**, Coromandel, v. 4, n. 2, p. 94-105, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://ojs.fccvirtual.com.br/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fwww.fccvirtual.com.br%2Findex.php%2FREVISTASAUDE%2Farticle%2Fdownload%2F351%2F284%2F>. Acesso em: mar. 2022.

MENTIMETER. **Crie Word Clouds ao vivo**. Disponível em: <https://www.mentimeter.com/pt-BR/features/word-cloud>. Acesso em: mar. 2022.

MONTESSORI, Maria. **A descoberta da criança: pedagogia científica**. Campinas, SP: Kíron, 2017.

MONTESSORI, Maria. **Mente absorvente**. Rio de Janeiro: Nórdica Editorial, 1949.

NICOLAIDES, Christine Siqueira. **O desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas**. 232 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3995/000406519.pdf?sequence=1>. Acesso em: mar. 2022.

ROEVER, Leonardo. Compreendendo os estudos de revisão sistemática. Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**,

São Paulo, v. 15, n. 2, p. 127-130, abr.-jun. 2017. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/11/875614/152_127-130.pdf. Acesso em: mar. 2022.

SALOMÃO, Gabriel. **Maria Montessori - Biografia**. Disponível em: <https://larmontessori.com/maria-montessori-biografia-2/> Acesso em: fev. 2022.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual da Educação de São Paulo. Rede São Paulo de **Formação docente**. São Paulo: SEESP, Unesp, 2021. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47005/1/2ed_m4d8_ing_txt.pdf . Acesso em: mar. 2022.

TORRES, Maria; CASTRO, Lucia. Disponibilidade ao outro: construindo novas formas de autoridade entre adultos e crianças. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 38, p. 87-99, 2014.